

A Pólis do Amanhã

“O cinema é a mais pervertida das Artes, pois ele não apenas ensina o que desejar, mas como desejar...”. Assim diz o pensador Esloveno Slavoj Zizek em seu filme *O Guia Pervertido do Cinema*. A película, em última análise, é a reprodução e autoprodução de nossa sociedade, nossas aspirações, ilusões, fantasias, prelúdios, complexos libidinais, sociais, economia dos prazeres e afins. É intrigante, dentro do contexto do urbanismo, o que o cinema nos mostra com relação as cidades do futuro e nosso modo de vida inserido dentro delas.

Blade Runner, o Caçador de Androides, filmes dirigido por ninguém menos que Ridley Scott, estrelado por Harrison Ford - 1982 - é uma superprodução exemplar para analisar nossa sociedade. Ela conta a história de um grupo de humanoides designados como Replicantes, semelhantes a nós, mas que foram desenvolvidos em laboratórios, com o intuito de ter mais força, agilidade e disposição para o trabalho pesado - humano fabricado por uma suposta Monsanto, eu diria... Esses clones, no contexto, eram usados para trabalhar em colônias de exploração mineral em outros planetas. Vivem apenas quatro ou cinco anos, o que os fez voltar a terra e fazer uma revolta, almejando encontrar seu criador e descobrir meios de viver mais - contexto este, por si só, muito instigante e sintomático.

Harrison Ford, no papel de agente policial do Estado, é designado para encontrar esses Replicantes e “descarta-los”... A trama toda se desenrola na Los Angeles do futuro, resultante da inércia urbana atual. Uma distopia urbana, superpopulação, arranha-céus de dar inveja a mitológica torre de babel, prédios decadentes e assustadores, lixo e poluição por todo o lado, costumes hedonistas e consumistas exacerbados, multiculturalização esquizofrênica perpetrada por uma desvairada globalização. Enquanto assistimos o desenrolar do filme, o único verde possível de ser visto é uma ou duas plantas que compunham o cenário do apartamento luxuoso do chefe da empresa responsável pela criação dos Replicantes... Vemos também veículos voares, os quais substituem o caos e a pestilência das ruas. Qualquer semelhança com algumas cidades atuais não é mera coincidência, tendo em vista que a frota de helicópteros da cidade de São Paulo é a maior do mundo, de acordo com uma pesquisa da Abraphe - Associação Brasileira dos Pilotos de Helicóptero. *Blade Runner*, inclusive, é um dos primeiros filmes a exibir a temática do Aquecimento Global acelerado pelas obras humanas.

Esta é a cidade de Los Angeles apresentada pelo filme. Notem o estilo cultural chamado *Cyberpunk* aplicado na Arquitetura e Urbanismo. No enredo, esta seria a situação das grandes cidades do ano de 2019.

Imagen de: <http://www.archdaily.com.br/br/01-56766/cinema-e-arquitetura-blade-runner>



Representação artística do que seria a escala humana da cidade do futuro, apresentada pelo filme.

Imagen de:
<https://www.tumblr.com/search/anime%20sci%20fi>

Los Angeles atualmente é uma cidade com problemas urbanos graves, como a mobilidade urbana e transporte. O site americano de viagens, *U City Guides*, que leva em consideração aspectos arquitetônicos, a qualidade de vida e violência, enquadrou Los Angeles entre as dez cidades mais feitas do mundo. São Paulo infelizmente está na lista...

A questão é a seguinte: esse e outros *blockbusters* do gênero não só estão reproduzindo uma ficção científica - perceba que quanto mais ficcional é a ficção, ao contrário do que se pensa, mais real ela fica - estão também maximizando em um futuro próximo todos os problemas urbanos e culturais existentes dentro das grandes cidades e do sistema econômico consumista atual. Uma continuidade da nossa realidade. *Blade Runner* é, em última instância, o mundo em que viveremos amanhã caso a vida atual não mude de direção. O filme chega a denunciar, indiretamente, a lógica policial moderna. Não importa os grandes problemas da vida individual e social, não importa os grandes problemas urbanos, não importa que a cidade esteja morta e a civilização em colapso, (devido justamente ao modo como opera as engrenagens), o importante para as autoridades, então, é um alguém, um Outro a quem depositar o ódio coletivo e a Lei, o que, dentro do filme, eram os poucos Replicantes que restaram, explorados pelas empresas, e que apenas queriam sobreviver. Eles eram o problema número um das autoridades. O inimigo público que faz o Estado e as corporações privadas mandatárias destinar todos os seus esforços. Em nosso mundo atual - não vou dizer real, porque o filme é real enquanto continuidade da atualidade; diria ainda, semelhante com a contemporaneidade - os clones Replicantes explorados e descartados são os jovens exterminados pela política oficial das forças policiais e os grupos de extermínios suboficiais, muitos dos quais torturam e assassinam jovens negros de periferias, em zona de vulnerabilidade social; jovens sem passagem pela polícia, ou, jovens com delitos eventuais e locais. Quando o Setting Agenda político e midiático poderia estar atento aos problemas do chamado "*sistema Brasil*", problemas que não são percebidos enquanto tal e que se configuram como esteio da realidade decadente, todos estão preocupados, por sua vez, com o resultado excessivo da estrutura, e não com a própria estrutura - producente eterna de problemas, o *Sistema Brasil*.

Penso que já vivemos em um mundo similar a *Blade Runner*. Dito isso, reitero: ou nós aprendemos a desenvolver outro caminho coletivamente, ou, o esteio errônneo de nossa sociedade vai se aprofundar e produzir, de fato, *Blade Runner* literalmente em nosso amanhã.

Aproveite o filme.

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=eogpIG53Cis>